

Lenira Peral Rengel\*

Thiago da Silva Santana\*\*

## *D*ançaímaçem da criança viada

## *D*anceimage of the Gay child

## RESUMO

Cenas da educação, do ensino de Dança na educação, da política educacional, dos hábitos cognitivos desenvolvidos tracejam um engajamento para um afastamento radical da posição complacente, e por isso responsável na participação pela exclusão de crianças. Nessas cenas, no ensino formal e não formal, há a presença de cruéis processos de tornar irreal, no sentido de forçar a inexistência, o real das ações corporais da criança viada (com o gênero masculino). Um conjunto capilarizado entre estudos da dança, da cultura, das ciências cognitivas e da neurociência referencia na cocriação das *dançaimagens* resultam em ações críticas e libertárias. Considera-se que essas ações tracejam a produção de variadas possibilidades cognitivas que expandam camadas em multiplicidades de modos de ser.

**Palavras-chave:** Dançaimagem; Criança viada; Dança na educação; Ações corporais.

## ABSTRACT

Scenes from education, the teaching of dance in education, educational policy, and the cognitive habits that have been developed outline a commitment to a radical departure from the complacent and, therefore, responsible position of participating in the exclusion of children. In these scenes, in formal and non-formal education, there is the presence of cruel processes of making unreal, in the sense of forcing non-existence, the real of the bodily actions of the queer child (with the male gender). A network of studies in dance, culture, cognitive sciences, and neuroscience refers to co-creating *danceimages* that result in critical and liberating actions. It is considered that these actions trace the production of varied cognitive possibilities that expand layers in multiple ways of being.

**Keywords:** Danceimage; Gay child; Dance in Education; Bodily actions.

A cena identificada nesta argumentação não se isola da ampliada ação sistêmica na qual se insere, ou seja, o ambiente educacional, formal ou não formal. Nesse sistema se novelam procedimentos metodológicos em aulas de Dança com crianças. O dispositivo de racialidade da pessoa negra (Carneiro, 2023) é um sentido de referência para nós, para entendermos “a construção do outro como não ser como fundamento do ser”. Esse é o subtítulo, do livro da escritora, filósofa, educadora Sueli Carneiro. É, junto, frase fundante de argumentação e máxima de conduta de vida de uma sociedade. É cravado na coragem de quem se abre das entranhas – e nelas as imagens – para se reconhecer e se refazer em cada pedacinho de sentimento atado em intelecto. Sim, somos agentes de cenas cruéis. As artes, as danças obviamente não estão apartadas dessas mesmas cenas.

Nessa cena sistêmica a marginalização dos povos originários, dos muitos modos de amar, de modos de ser e estar no mundo, da gente idosa, de todo e qualquer “outro” é postulada como diversidade. A transformação das palavras no seu aprendizado com o mundo nos leva a refletir e a negar este termo, diversidade, e, também, diferença (que já usamos muito), no sentido complacente, em geral a eles atribuído. Ramalho (2016) propõe “variedade infinita”. Diferença para a autora – que foca o feminismo, todavia se dirige a todos os processos de emancipação – é um termo pejorativo e hierárquico, pois sempre “o outro” é diferente, de mim, nunca o mim é diferente. A diversidade e a diferença ocultam, segundo a autora, o devir fluido de ser. Silva (2014), argumenta que a identidade e a diferença são impostas, não apenas definem alguém. Não há uma convivência harmoniosa dessas condições, são processos de disputa hierárquica. A disputa identidade/diferença/diversidade, bem fácil de ser ganha na relação cruel com crianças, configura uma das falências na educação, principalmente a pública, pelo hábito cognitivo de produzir um desprezo pela qualidade de primor econômico, de valores, de políticas educacionais, desdém pela própria pessoa em processo educativo. Essas falências, como as denomina Safatle (2008) são ausências de capacidade – ou

de possibilidade crítica, ou alienação – para ataque à indicação de diferenças, diversidades ou identidades como atos segregadores. “Alienação que indicaria a incompreensão da totalidade das relações estruturalmente determinantes do sentido” (Safatle, 2008, p. 182).

Ainda, ressaltamos (novamente) o caráter de complacência! Já que essas falências são/foram consideradas crises que vão/irão passar. Entretanto, as crises da educação, da educação de artes e de valores democráticos não são crises, mas sim frutos de programas, de projetos. Trata-se aqui de uma paráfrase de outra máxima exemplar de análise de conjuntura político-social do antropólogo, educador, romancista, senador Darcy Ribeiro (1986, p.10): “Em consequência, a crise educacional do Brasil da qual tanto se fala, não é uma crise, é um programa. Um programa em curso, cujos frutos, amanhã, falarão por si mesmos”.

Nesta cena do corpo com o mundo, com a escola, o estupendo criativo e libertador, pois emancipatório, neurocientista Damásio nos acolhe, como artistas, como pessoas que conjecturam que sentem e não pensam, apenas. No seu seminal “O erro de Descartes – Emoção, razão e cérebro humano” (2012), o singular e afetuoso professor Damásio ensina-nos que ok! Sim! Vamos sentir. Portanto: o erro de Descartes se mostra na afirmação: Eu sinto, logo existo. Ou, sinto que existo, logo penso. As imagens, segundo o professor, têm uma representação topográfica em nós e são o principal conteúdo dos nossos sentimentos e pensamentos. Ou seja, as imagens desenham o que podemos saber de nós. As palavras são imagens auditivas ou visuais em nós antes de as escrevermos ou falarmos, ainda que em nanosegundos. Muito mais, ainda! As imagens também são o que não sabemos ao certo como são geradas. Por todas as direções: por trás, por cima, por baixo das imagens existem processos, os quais nunca chegam ao nosso conhecimento consciente. Existem as imagens evocadas e as imagens vindas com o exterior, que, certamente, se tornam ou se tornarão evocadas. Há representações não lineares (ou seja, um cachimbo não é um cachimbo) que são processadas em segredo absoluto (conforme

Damásio) e podem interferir no fluxo do pensamento e “até irromper na consciência um pouco mais tarde” (Damásio, 2012, p. 134).

Augusto Boal, o fenomenal criativo, libertário e libertador dramaturgo, teatrólogo começou a criar o “teatro-imagem” no seu trabalho com indígenas no Peru, Colômbia, Venezuela e México (Boal, 2005). No Peru trabalhou no projeto Operação de Alfabetização Integral — ALFIN, em 1973. O teatro-imagem começou em razão de buscar um idioma comum, já que a língua falada não era comum. Fotografias e desenhos eram usados, até que se chegou ao próprio corpo, pois “Devemos trabalhar com a realidade da imagem, e não com a imagem da realidade (Boal, 2005, p. 233). *Dançaimagem* se inspira e se referencia em Boal.

A pesquisa do neurocientista António Damásio fortalece cognitivamente, ou seja, no modo de conhecer o mundo, para o ataque às repressões às crianças viadas, que não são permitidas de expressar a sua imagem como realidade. Neste fluxo a *dançaimagem* da criança viada é uma cena interdita. Sua dança, seus gestos são tolhidos, suas ações são aprisionadas. Neste mosaico de idiomas não verbais, verbais, balbucios, reprimendas, socos e abraços roubados a *dançaimagem* aflora, denuncia, busca ao tempo que manifesta o escondido da construção de si, um lugar seu neste mundo que deveria ser vasto e variado e não indicador de diferenças e diversidades.

### **Quem tem medo da criança viada?**

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar (Foucault, 2014b, p. 09).



Silêncio! Tabu na ação (verbal e/ou não verbal). Apenas perceba, observe, observe os movimentos, a voz, os gestos, as brincadeiras. Gosta da cor rosa ou azul? Então interdite a criança, a constranja. Ensine, ensine a ser uma criança de verdade. Ainda não se nomeia... Tabu na fala. Seria uma criança viada? “Deus me livre!” “É apenas uma criança”. “Ela ainda não sabe o que é certo, deve ter aprendido em algum lugar”. A culpa. A culpa é de quem? A culpa é da criança viada, criança por tentar ser-existir em um ambiente em que há educadores que agem de forma vil (salvo exceções) como identificadores e proibidores de ações corporais viadas (Santana, 2021). Com Foucault (2019a), convocamos a perceber que a interdição provoca o desaparecimento de determinadas ações corporais na cena da dança, e sendo a interdição muito mais que uma simples proibição, funciona como controle e para o desaparecimento de corpos, com suas ações, com suas danças, viadas.

O ambiente escolar, em muitos casos, torna-se o primeiro espaço de identificação do que se convencionou a ser nomeado como coisas ou ações de viados. O termo viado (substantivo masculino), viada (substantivo feminino), viadagem ou viadinho é utilizado, principalmente, no Brasil (e em muitos outros países com outras traduções para o termo) como modo pejorativo para ofender e desqualificar corpos que elaboram ações corporais consideradas como ações de viado. Logo, referindo-se a corpos gays. Neste trabalho, o uso dos termos, gay e viado(a) contrapõe-se e ataca o modo pejorativo. Significa o reconhecimento e respeito aos corpos múltiplos (Santana, 2020), ou seja, reconhece e atua em ação sistemática para a existência e potência de todos os gêneros, sexualidades, pessoas.

Ação corporal, como a empregamos, é um termo da conceituação de Rudolf Laban (1978), nome artístico de Rezső Keresztelő Szent János Attila Laban (1879–1958) considerado importante pesquisador da dança do século XX e que voa na flecha do tempo (Prigogine, 2011) com suas contribuições e estudos da análise dos movimentos. Sobre a flecha do tempo Ilya Prigogine nos apresenta um tempo que não volta, mas que tem nele seu passado e um futuro

que pode ou não acontecer, portanto instável. Laban é atualizado todo o tempo, pelo menos até o momento, por isso mesmo não volta, voa nas suas múltiplas direções cinesféricas. Ele tinha a compreensão do corpo como uma totalidade tanto intelectual, quanto física e emocional, em um processo conjunto (Laban, 1978, Rengel, 2014). Tal entendimento manifesta, de fato, o incrível Laban como um visionário, ao fazermos uma análise comparativa e efetivar conexões com estudos atuais das ciências cognitivas e da neurociência, em relação à compreensão do que seja corpo e do que seja mente. O “corporal” de ação corporal indica que uma ação tem plenitude, completude emocional, física, intelectual, mesmo que seja de modo inconsciente. Ação corporal nos leva a argumentar que *corposcristanças* viadas, ao lhe serem negada a possibilidade do real, a depender da idade e nível de compreensão de mundo não sabem o porquê da interdição e da atitude hostil com seu vocabulário de movimento.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, no art. 2º qualifica-se criança, para as decorrências desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos. Tão crianças... Uma cena da cena cruel: É perceptível que crianças identificadas como viadas, nem sempre são consideradas e tratadas como crianças. Adultizá-las (nessas idades?) ou não permitir que brinquem é uma punição. Por que educadores não respeitam e/ou excluem crianças com ações corporais viadas? Pode a escola definir o gênero e a sexualidade das crianças?

É comum ouvirmos educadores ou responsáveis legais envergonhadamente exporem preocupação da possível sexualidade da criança. Atuam na interdição de laços afetivos para com outras crianças, como se a viadagem que está sendo manifestada fosse similar a um vírus, que pode infectar outras crianças a partir do contágio pelo contato direto. Mais uma cena cruel: pais e mães cisgêneros heterossexuais que buscam os profissionais da escola para solicitar o não contato da criança viada com o filho ou filha na escola, incentivando até mesmo a punição da criança. São reverberadas frases violentas como: “Fique longe desse menino”; “Não quero ver você brincando

com ele, pois ele é viado”. São uns dos exemplos de violência contra crianças viadas enunciadas por pessoas adultas e até mesmo sendo replicadas pelas outras crianças em espaços educativo-artísticos.

Na busca compulsória para identificação e interdição de ações corporais viadas, crianças são submetidas desde muito cedo à violência por conta da sua possível sexualidade estar sendo constatada. Com isso, *corposcrianças* tentam controlar suas ações corporais para se encaixar nesse sistema, com normas que se consideram explicitamente fixas e rígidas. Ainda, com o silêncio que se instaura em muitos ambientes, essas mesmas crianças começam a construir o sentimento de autodesprezo pela sua singularidade. O filósofo Michel Foucault (1926- 1984) enfatiza que,

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deveria existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – Sejam atos ou palavras. As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interdita-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. Isso seria próprio da repressão e é o que distingue das interdições mantidas pela simples lei penal: a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossa sociedade burguesa. Porém, forçada a algumas concessões. Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, se não nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro (Foucault, 2019, p. 08).

Com referência nessa reflexão acerca do silêncio, é factível pontuar que o tabu na fala sobre as crianças viadas é também utilizado como ação característica da cena de repressão de corpos que precisam ser regulados. Ou seja, não nomear faz parte para o controle dos corpos. Para Foucault (2019, p. 08): “[...] não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber”. Entretanto, quando se nomeia, geralmente a pauta é moral ou religiosa.



Várias pessoas adultas viadas foram na infância crianças viadas silenciadas, controladas, interditadas e conseqüentemente violentadas de diversos modos. De acordo com Laban, todo e qualquer movimento é composto por fatores, sendo eles: Espaço: direto e/ou flexível; Tempo: rápido e/ou lento; Peso: leve e/ou firme; Fluência: livre e/ou contida (Laban, 1978). Com referência no estudo dos fatores de movimentos e qualidades (Rengel, 2014), Santana (2021) propõe que as crianças viadas, em termos de qualidade de movimento, reverberam, principalmente, a qualidade do fator fluência, libertada e a qualidade do fator peso, leve. Mais uma cena cruel: essa marca precisa ser controlada, interditada ou até mesmo excluída. O uso do espaço deve ser restrito, tanto o espaço pessoal, como o espaço geral. Expandir-se na cinesfera labaniana, dançar nela, dançar suas opressões, criar imagens que tornem a criança viada protagonista: Não. Há gerações de crianças viadas que na interação com as pessoas no ambiente escolar, de modo desumano, iniciam processos para controlar, até mesmo inibir suas ações corporais viadas, por conta das atrocidades e impedimentos existentes no contexto.

Não acabou! Mais outra cena de atrocidade, fora do real do corpo: Outra questão que ocorre em corpos viados é a tentativa de imitar ações corporais consideradas apropriadas, ou seja, ações que foram normatizadas como heterossexuais (Santana, 2021). Todavia, ressaltamos que as ações corporais não são suficientes para definir a sexualidade, pois corpos viados têm a capacidade de imitar muito bem corpos e suas ações corporais consideradas heterossexuais. Temos publicados estudos sobre a imitação tanto no seu viés natureza, bem como no de cultura e argumentamos, com Matt Ridley (2004) que o determinismo ambiental é tão perverso quanto o credo no determinismo genético. “Assim, é uma sorte não termos de acreditar nem em um, nem em outro” (p. 114). Com o avanço dos estudos da neurociência não é mais um mistério que os neurônios-espelho ao serem ativados, possibilitam antecipar intenções na cena da dança, como também imitar movimentos de outras pessoas.

O cientista brasileiro Miguel Nicolelis (2022) ressalta que a descoberta da classe específica de neurônios-espelho surgiu em estudos do neurocientista italiano Giacomo Rizzolatti nos anos de 1990. Rizzolatti na condução da sua pesquisa no laboratório percebeu que as células corticais dos macacos, ou seja, seus neurônios-espelho, disparavam ao observar um outro macaco ou humano realizando movimentos com a mão. Porém, o macaco estava imóvel quando isso aconteceu.

A descoberta da presença de neurônios-espelho em áreas corticais frontais e parietais, tanto de macacos como de seres humanos, levantou a tese de que esse sistema neural poderia estar envolvido de forma decisiva na mediação de interações sociais tanto em animais como em grupos humanos. A hipótese pode ser facilmente entendida ao considerarmos que a atividade elétrica gerada por neurônios-espelho reflete não apenas a preparação, como a execução, de movimentos de um indivíduo, além da representação de movimentos similares realizados por outros membros do seu grupo social imediato ou de outros primatas (como quando um ser humano interage com um macaco). Pesquisadores descobriram que neurônios-espelho também podem sinalizar um ponto de vista particular do indivíduo que observa o movimento de outro membro do seu grupo social, bem como o valor, em termos de recompensa, dessa ação (Nicolelis, 2020, p.180).

Nicolelis (2020) destaca, a respeito da nossa capacidade de imitar outros corpos, que somos mais eficientes em imitar do que outras espécies. Com as violências geradas por ignorância e preconceito de contra ações corporais viadas, podemos inferir que corpos viados acionam seus respectivos neurônios-espelho para uma sequência de ações corporais que imitam corpos cisgêneros heterossexuais e inibindo suas particularidades.

[...] nós, seres humanos, somos muito melhores imitadores – focando primariamente na reprodução do processo por meio do qual realizamos um objetivo motor. Além disso, graças ao tremendo aumento na banda de comunicação oferecido pelo surgimento da linguagem, nós, humanos, somos bem melhores na arte de ensinar novas habilidades e disseminar ideias e conceitos a outros membros de nossa espécie (Nicolelis, 2020, p. 194).

Referente a nossa capacidade em ensinar outras pessoas, argumentamos que não somos melhores em “disseminar ideias e conceitos” democráticos, igualitários, não moralistas, pelo contrário. Outro estudo seminal, publicado em 1998, do crítico Homi K. Bhabha (2019) nos impulsiona para pontuar que há uma relação de colonialidade referente à criança viada (sem dúvida com outras muitas crianças também). De acordo com Bhabha, há uma supremacia do colonizador – correlacionamos com o pai, a mãe, quem ensina na escola, “o outro” – e sua analogia, o mundo da representação do colonizado – correlacionamos com a criança viada. Ela imita o colonizador e sempre, neste sentido (colonizador) é uma cópia incompleta do original, porque ela nunca poderá ser igual ao colonizador. Ela precisa ser marcada. Sim, finja, que não é criança viada. Você não tem direito a sua imagem, a dançar, com as ações que quiser, a *dançaimagem* sua. A criança, nessa relação colonizador versus colonizado será sempre lembrada que, apesar de imitar, lhe falta algo para ser o original. Porém, ao ataque! O próprio Bhabha (2018) propõe a estratégia da mímica como uma espécie de resistência do colonizado. A duras penas, dizemos nós. No desejo de ser o que se é, a criança viada se autoprotege fazendo o jogo do colonizador, dança a *dançaimagem* dele.

As crianças viadas que estão inseridas em contextos artísticos-educativos que passam por ações desrespeitosas, repressivas e excludentes têm o desenvolvimento da aprendizagem prejudicada por não se sentirem parte do processo de ensino-aprendizagem. Conforme o professor e neurocientista Damásio (2022), os sentimentos têm uma importância fundamental no desenvolvimento humano. Os sentimentos são a sentinela que nos alerta, regula e nos ajuda a manter o equilíbrio de nossas funções metabólicas. Crianças viadas são submetidas a sentimentos que afetam negativamente o seu estado homeostático. Simulam, muitas vezes, a emoção que se refere à alegria, porém o que é sentido é o sentimento de dor. Ainda de acordo com Damásio (2022),

[...] a dor da vergonha social é comparável a de um câncer agressivo, uma traição pode nos dar uma sensação de punhalada, e os prazeres resultantes da admiração social, para o bem ou para o mal, podem ser verdadeiramente orgásticos (Damásio, 2022, p. 89).

Corposcrianças viadas não deveriam tentar imitar pessoas e ações corporais normativas. A problemática evidencia a dificuldade da escola com o tema gênero e sexualidade, tema esse que ainda causa muitas tensões no que se refere a sua abordagem ou não. É preciso lembrar que a compreensão da sexualidade não está relacionada à relação sexual entre pessoas. Equívoco que muitos educadores têm aproveitado para causar transtornos e desmerecimento do verdadeiro objetivo da discussão sobre a temática. Para a professora doutora em Psicologia Social Jaqueline Gomes de Jesus, em seu livro: “Homofobia: identificar e prevenir”, destaca que:

É preciso que, todas e todos, estejamos atentas(os) a violações de direitos fundamentais, decorrentes de estereótipos e preconceitos. Uma visão mais inclusiva da sociedade traria consigo, mais do que respeito à diversidade de identidades sociais, novas imagens de ser gente (Jesus, 2015 p. 85).

Corpos não são hegemônicos. Com essa perspectiva para entender e abordar a sexualidade no contexto educativo é necessário perceber que o gênero parte de uma construção social e histórica do que se convencionou como papéis e expressões de homens ou de mulheres (Jesus, 2015). Convenção gerada a partir do órgão sexual, da condição anatômica e fisiológica das pessoas. A *dançaimagem* inspirada em Boal discute a complexidade e variedade de corpos que transitam nas escolas, não só referentes ao gênero, mas às sexualidades, pensamentos, corpos, linguagens, epistemologias e desejos na construção particular de cada criança.

### **Por que ter medo da criança viada?**

Nesse programa de crise sistêmica, é necessário que educadores tenham a compreensão sobre os estudos de gênero e sexualidade para além daquilo que se convencionou como homem e mulher cisgênero e heterossexual. Gênero e sexualidades não podem ser entendidos como algo singular, mas plural. As sexualidades são ademais de pessoas heterossexuais. Há uma variedade de possibilidades, por exemplo, homossexual, bissexual, assexual, pansexual. Desse modo, o sexo, baseado na genitália não dá conta das nossas multiplicidades de corpos, pois existem outras identidades de gênero e que resistem diariamente para se manterem vivas em um mundo e país que mais reprime e mata pessoas-vidas transgênero, transexuais e travestis.

Ser oprimido significa que você já existe como sujeito de algum tipo, você está lá como outro visível e oprimido para o sujeito soberano, como sujeito possível ou em potência, mas ser irreal é outra coisa. Para ser oprimido você deve primeiro se tornar inteligível. Considerar que você é fundamentalmente inteligível (na verdade, as leis da cultura e da linguagem consideram você uma impossibilidade) é considerar que você ainda não conseguiu acesso ao humano, é encontrar-se falando sempre e somente *como se você fosse humano*, mas com a sensação de que você não é, é achar que sua linguagem é vazia, que nenhum reconhecimento está disponível porque as normas por meio das quais o reconhecimento ocorre não estão a seu favor (Butler, 2022, p. 57).

Com Judith Butler, a *dançaimagem* também é a de uma cena que não permite a realidade da imagem. Nessa cena, não se é oprimido, se é irreal, inexistente. Quão podre é tudo isto? Tem medo de quê? O trabalho da escola não é para direcionar sexualidades ou gêneros ditos normais mas, quando necessário, demonstrar em ações que todas as multiplicidades de crianças são importantes e bem-vindas.

Nossas *dançasimagens*, múltiplas, atuam fortemente com uma nuclear instância natureza/cultura do corpo: os portais sensitivos (Damásio, 2018). Relevante manifestarmos que na “variedade infinita” (Ramalho, 2016) de corpos temos a convicção das possibilidades de cada criança com seus portais.



Os portais sensitivos são “como pedras preciosas incrustadas em uma joia complexa” (Damásio, 2018, p. 98).

Com o termo “portais sensitivos”, refiro-me tanto às sondas sensitivas como às regiões da estrutura corporal onde elas estão implantadas. Quatro das principais sondas sensitivas estão bem circunscritas: as órbitas, a musculatura que controla os olhos e o mecanismo no interior dos olhos; as orelhas, incluindo a cavidade timpânica e a membrana timpânica; o nariz e suas mucosas olfativas; e as papilas gustativas na língua. Quanto ao quinto portal — a pele, com a qual podemos tocar um objeto e avaliar texturas —, ele se distribui por todo o corpo, ainda que não de modo uniforme, pois se concentra predominantemente nas mãos, boca e regiões mamilares e genitais (Damásio, 2018, p. 98-99).

Esses portais se dão em perspectiva. Um portal não sente, e não compreende, de modo isolado, precisa dos outros. E, a perspectiva também é cultural/social, não só natural. Ou seja, quando as crianças propõem uma imagem, qual seja, incentivamos pequenos detalhes musculares, cheiros, sons dos corpos, sensibilidades da pele, deslocamentos, no espaço e nas ideias. Sabemos que, se, de fato, não há dualismo corpo x mente, se ampliamos os portais sensitivos, expandimos os portais do autoconhecimento, da crítica, da reflexão. Entenda-se a reflexão da criança e a da pessoa adulta como autônomas e heterônomas, ou seja, convergem, se unem. Entretanto, a pessoa adulta deve respeitar e se permitir aceitar as culturas de cada infância e de cada criança.

O papel da escola deveria ser o de acolher todos os corpos múltiplos viados, *corposcrianças* não viadas, corpos estes que têm ações corporais variadas, porque elas são múltiplas e não homogêneas. No dever democrático de construir caminhos para o abandono e fuga desta dolorosa cena cruel, as *dançasimagens* da criança viada se manifestam, na escola, na sociedade, na comunidade da família. Como modos de existência reais, gênero e sexualidade não são finalidades excludentes de corpos não heterossexuais. *Dançasimagens* como portas e portais de aberturas físicas, emocionais e intelectuais para todas as crianças.

## REFERÊNCIAS

BHABHA Homi K. (2018). **O local da cultura**. Tradução de Miriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG Humanitas, 2019.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. 8º edição Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. Traduzido por Aléxia Bretas, Ana Luiza Gussen, Beatriz Zampieri, Gabriel Lisboa Ponciano, Luís Felipe Teixeira, Nathan Teixeira, Petra Bastone e Victor Galdino. Coordenação da tradução por Carla Rodrigues – São Paulo: Editora Unesp, 2022.

CARNEIRO. Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

DAMÁSIO, António. **Sentir e Saber**: As origens da consciência. Tradução de Laura Teixeira Motta. –1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

\_\_\_\_\_. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. Tradução Dora Vicente, Georgina Segurado. — 3ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e revisão técnica de J. A. Guilhaon Albuquerque. – 9ª Edição, Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. –42ª Edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2014a.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. –24ª Edição, São Paulo: Loyola, 2014b.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Homofobia**: identificar e prevenir. – 1ª Edição, Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. – 5ª Edição, São Paulo: Summus, 1978.

NICOLELIS, Miguel. **O verdadeiro criador de tudo: como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos**. — São Paulo: Planeta, 2020.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: Tempo, caos e as leis da natureza**. São Paulo: UNESP, 2011.

RAMALHO, Maria Irene. **Diferença? Ou variedade infinita?** Cadernos de Literatura Comparada. N.º 35 – 12/ 2016 | 161-174 – ISSN 2183-2242 | <http://dx.doi.org/10.21747/21832242/litcomp35a9> Disponível em: [https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/48253/1/Diferenca\\_Ou%20variedade%20infinita.pdf](https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/48253/1/Diferenca_Ou%20variedade%20infinita.pdf) Acesso em 20 de março de 2024.

RENGEL, Lenira Peral. **Dicionário Laban**. – 2ª Edição, São Paulo: Anadarco, 2014.

RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio**. biolinguagem.com. 1986. Disponível em: [http://www.biolinguagem.com/ling\\_cog\\_cult/ribeiro\\_1986\\_sobreobvio.pdf](http://www.biolinguagem.com/ling_cog_cult/ribeiro_1986_sobreobvio.pdf). Acesso em: 06 out. 2023.

RIDLEY, Matt. **O Que Nos Faz Humanos**. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e Falência da Crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SANTANA, Thiago da Silva. **Dance que nem homem – Interdições das viadagens nas ações corporais**. In: *Anais do 6º Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança, 2021, Salvador*. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2021/papers/dance-que-nem-homem-----interdicoes-das-viadagens-nas-aco-es-corporais> Acesso em: 05 set. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**

/ Tomaz Tadeu da Silva (Org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ:

Vozes, 2014.

---

**\*Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lenira Peral Rengel** é Docente da Escola de Dança/UFBA. Coordenadora PPGDança/UFBA. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2. Doutora em Comunicação e Semiótica/PUCSP, Mestre em Artes/UNICAMP. Graduação em Teatro/ECAUSP. 22 anos de estudos da Arte do Movimento de Rudolf Laban com Maria Duschenes. Especialização Choreological Studies - Laban Center-Londres. Líder do Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças (UFBA/CNPq).

**\*\*Prof. Me. Thiago da Silva Santana** é Docente do Departamento de Dança (DDA/Campuslar- UFS). Doutorando em Dança (PPGDanca-UFBA). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Mestre em Dança (UFBA). Licenciado em Dança (UFS). Integrante do Grupo de pesquisa Corponectivos em Danças. Pesquisador em Dança, corpo e cognição.

Recebido em 25 de maio de 2024  
Aprovado em 13 de outubro de 2024

---